

Efeitos da leitura sobre o sujeito em *A rainha dos cárceres da Grécia*, de Osman Lins

Carolina Duarte Damasceno

Departamento de Teoria Literária/UNICAMP (BRASIL)

Este trabalho, parte de uma pesquisa de doutorado em andamento sobre a relação entre leitura e co-autoria, tem como objetivo analisar a peculiar apropriação da literatura pessoal em *A rainha dos cárceres da Grécia*, de Osman Lins. Todavia, antes de iniciar a análise proposta dos efeitos do ato de ler sobre o sujeito, é necessário apresentar, em linhas gerais, o autor e a obra em questão.

Osman Lins, escritor pernambucano cuja estréia literária se deu em 1955, com a publicação de *O visitante*, escreveu romances, contos, ensaios e peças de teatro. Em sua fortuna crítica, percebe-se que é muitas vezes considerado um escritor focado na interioridade e, principalmente, adepto da literatura experimental. Em *Nove, novena* (1966), *Avalovara* (1973) e *A rainha dos cárceres da Grécia* (1976) empreende diversas reflexões de caráter metalingüístico, abordando os efeitos da crise de representação, o papel da escrita e da leitura literária, além da relação entre o texto ficcional e a realidade empírica.

Em *A rainha dos cárceres da Grécia*, seu último livro publicado em vida, o protagonista –um professor de Biologia, cujo nome não é mencionado– se debruça sobre o romance *A rainha dos cárceres da Grécia*, de Julia Marquezin Enone, sua falecida amante, o qual narra os inglórios esforços da protagonista Maria de França para ser aposentada por invalidez. Esse texto do autor brasileiro –cujo teor de simulacro lhe dá certo tom borgeano, que não passou despercebido por Graciela Cariello (2007)– é marcado pela mis-en-abîme e coloca em primeiro plano os bastidores da leitura literária. Nele, o leitor somente tem acesso ao relato de Julia, marcado pelo uso peculiar do tempo e do espaço, através do filtro do narrador.

Um dos primeiros elementos que se destacam nesse livro de 1976 é justamente a questão de gêneros. Osman Lins, em um instigante desafio às classificações habituais, faz seu personagem narrar episódios de sua vida, citar notícias de jornais e escrever crítica literária, apesar de suas ressalvas aos críticos (concernentes principalmente aos métodos estruturalistas). Ainda que o narrador chame sua obra de ensaio, questiona sua própria classificação e, contrariando expectativas, opta por formalizar suas impressões acerca do romance de sua amada em forma de diário.

Este estudo se propõe a analisar essa peculiar escolha, que estabelece um diálogo com a literatura íntima. Será mostrado como a aproximação entre leitura e experiência, um dos efeitos da escolha do gênero intimista, sugere que o ato de ler tem repercussões sobre o autoconhecimento e a constituição do sujeito.

Após a morte brusca de sua namorada, em um acidente de carro, o narrador decide se lançar à experiência da escrita, na tentativa de ocupar suas horas vagas e amenizar sua solidão. Inicia seu livro com um projeto (auto)biográfico: escrever sobre Julia e a convivência de ambos. Entretanto, muda de idéia e decide escrever sobre o romance dela. Apesar de essa mudança, porém, o intuito intimista continuará presente, de certa forma, em suas notas de leitura.

Já no início do livro, é possível perceber o quanto seu texto desestabiliza as classificações de gênero:

Não resvalarei no engano de ‘discutir o poeta e não o poema’, com que evito a clássica condenação do lúcido Pound. Mas não exigirei de mim, também, no estudo que pretendo, mutilações voluntárias. Isso, nunca. Só o meu pudor, caso não o vença, e alguma delicadeza limitarão a

franqueza de meu trabalho –análise ou, quem sabe, simples depoimento– a que decerto não falte uma nota elegíaca. (Lins, 2005: 13).

Na tentativa de definir sua escrita, oscila entre “trabalho”, “análise” e “simples depoimento”, em uma gradação rumo ao pessoal. O trecho, em que analisa a questão de escrever sobre a obra de alguém com quem foi estreitamente ligado, lembra fórmulas clássicas de autobiografias. Sem tomar como pressuposto o paralelo com o relato autobiográfico, seria difícil entender a alusão à franqueza e ao pudor, pouco prováveis em um ensaio crítico tradicional. Essa relação com a literatura pessoal se faz presente em diversos momentos e intensifica-se ao final de suas notas, quando o narrador percebe que há uma forte intersecção entre seu contato com o texto e o modo como encara o mundo. Ao abordar a importância do esquecimento no romance de Julia, seus questionamentos sobre a própria identidade ganham destaque:

Descoberta que me atordoia. Enquanto não me envolvo com um texto através do qual me revelo de maneira inapelável (uma vez que, por mais que tente ocultar-me, se digo ‘eu’ é este eu que me faz, e fazer, em tal caso, que poderia significar senão formar, dar, revelar?), enquanto vou e venho pelo mundo, seguro, um homem com a sua rede fixada em muitos pontos concretos, proclamando com voz firme um “eu” que é a imagem de meu rosto, nem sequer a morte vem ameaçar a minha identidade.

Mas se tomo um papel ou, o que é mais grave e assustador, se alguém toma um papel e escreve “eu”, e, por trás desse pronome, me põe em seu lugar, que* me garante mais nada? (Lins, 2005: 209).

A escrita e principalmente a experiência de leitura, em especial de textos em primeira pessoa, provocariam um abalo na identidade convencional, tendo, nesse sentido, mais poder que a própria morte. De acordo com a bela imagem utilizada, ler cortaria os pontos que fixam o sujeito em uma imagem estável. Por que o texto seria capaz de fazer alguém se revelar de “maneira inapelável”? O aporte de Wolfgang Iser (1999) contribui a elucidar a questão.

Para o autor, uma das grandes características da ficção é desestabilizar o que habitualmente compreendemos por “real”. Isso se dá porque o texto ficcional, ao se apropriar de elementos da realidade empírica, altera sua disposição e seu valor habitual. Nessa mudança, configura-se uma nova versão de mundo, na qual a dita realidade é colocada em suspenso. Embora bastante simplista, a síntese ajuda a entender a relação entre leitura e identidade que, na mesma vertente de Iser, também é explorada por Paul Ricoeur (1986). Segundo ele, a subjetividade só se produz:

(...) na medida em que é posta em suspenso, irrealizada, potencializada, do mesmo modo que o próprio mundo que o texto desenvolve (...). Leitor, eu só me encontro quando me perco. A leitura introduz-se nas variações imaginativas do ego. A metamorfose, segundo o jogo, é também a metamorfose lúdica do ego” (Ricoeur, 1986: 124).

Ou seja, a identidade corriqueira de quem lê, tal qual a realidade empírica, é colocada em pano de fundo, em um movimento que propicia, concomitantemente, novas versões do mundo e de si. Assim, a alteridade associada à leitura, ao fazer o leitor vivenciar os atos e sentimentos dos personagens, leva-o a explorar outras facetas de si. Esse modo de autoconhecimento implica necessariamente uma crise, a qual explica a grande incidência de perguntas auto-reflexivas no peculiar diário analisado.

Ao longo de *A rainha dos cárceres da Grécia*, esse movimento torna-se cada vez mais intenso, à medida que o narrador vai mergulhando no universo ficcional criado por Julia e na experiência de escrever sobre ele. Essa imersão se dá através da incorporação de marcas estilísticas da protagonista Maria de França e é marcada por períodos nos quais tem crises de cegueira, que sugerem o quanto suas imagens do mundo e de si mesmo vão se tornando nebulosas.

O processo chega ao auge no fim de seu livro, quando deixa de datar suas notas, infringindo a maior cláusula do diário, segundo Maurice Blanchot. Para o escritor e teórico francês, o respeito ao calendário nos cadernos íntimos é uma forma de submeter a escrita à moldura do cotidiano, ou seja, uma forma de se proteger do impacto que ela pode ter. Portanto, é elucidativo que a fusão do narrador com o romance lido não seja mais controlada pelas datas. Sem a menção dos dias, seu texto passa a ser marcado por passagens de fluxo de consciência e não é mais regido pela “perspectiva que o cotidiano delimita”, de acordo com Blanchot (2005:197). Sem essas amarras, a dissolução de sua identidade habitual pode se acentuar. Isso ocorre, por exemplo, algumas páginas antes de se transformar em um dos personagens do romance de Julia, um espantalho que protege Maria de França: “Quem sou eu? Mesmo sem resposta clara, disponho-me a enfrentar o evento obscuro que se forma. Tenho passado a existir na expectativa e na interrogação.” (Lins, 2005:208).

Sua apreensão pode ser melhor compreendida a partir de um comentário de Iser sobre o que ocorre quando o leitor atribui sentido à obra literária:

Nesse processo, o leitor põe sua atividade sintética à disposição de uma realidade não familiar (a do texto), encontrando-se em conseqüência num estado intermediário que o separa, durante a leitura, daquilo que ele é. Noutras palavras, durante o processo de constituição de sentido, é de certa maneira o próprio leitor que está sendo constituído; em decorrência do que o leitor produz, algo lhe sucede. (Iser, 1999: 80).

Fica clara a aproximação entre leitura e identidade, responsável pela escolha de escrever notas de leitura em forma de diário: quem lê, na tentativa de decifrar um texto, sai de sua realidade familiar e, nesse processo, passa por mudanças. Ou seja, o ato de ler provoca alterações substanciais no sujeito, como se constata em mais um trecho do livro de Osman Lins, em que o narrador reproduz o estilo do romance de sua falecida amante: “Me eis: desfeito e refeito. Onde estou e quem fui, eu, quem sou?” (Lins, 2005: 228).

A leitura seria capaz de desfazer e refazer o sujeito, da mesma forma que desfaz uma imagem de realidade para depois reconfigurá-la. Todavia, não parece haver um retorno a uma identidade estável. Nesse sentido, vale destacar a distinção entre a interioridade romântica e a modernista estabelecida por Charles Taylor (1997). Segundo o autor, no modernismo o olhar reflexivo para a subjetividade não mais procura um *self* a ser articulado. Ao contrário, acredita-se que voltar-se para si leva além do *self* como este é habitualmente entendido, colocando em questão as noções convencionais de identidade. No século XX, surge a idéia de que somente é possível apreender devidamente a experiência através de uma abertura para elementos que não podem ser controlados ou integrados em uma noção tradicional de sujeito. Nessa perspectiva, o fato de o narrador não recuperar uma identidade bem delineada e uma não se configura como um problema.

Diante das considerações expostas, é possível concluir que *A rainha dos cárceres da Grécia* mostra que o autoconhecimento, um dos objetivos da escrita de um diário, também se dá no contato intenso com um romance. Osman Lins sugere, assim, que as repercussões da leitura podem ser, em parte, similares às da escrita de si.

Bibliografia

- Blanchot, Maurice. 2005. *O livro por vir*. Perrone-Moisés, Leyla (trad.). São Paulo, Martins Fontes.
- Iser, Wolfgang. 1999. *O Ato da Leitura: Uma Teoria do Efeito Estético*. v. 2. Kretschmer, Johannes (trad.). São Paulo, Editora 34.
- Lins, Osman. 1955. *O visitante*. Rio de Janeiro, José Olympio.

-----, 1973. *Avalovara*. São Paulo, Melhoramentos.

-----, 1984. *Nove, novena*. São Paulo, Companhia das Letras.

-----, 2005. *A rainha dos cárceres da Grécia*. São Paulo, Companhia das Letras.

Ricoeur, Paul. 1989. *Do texto à acção*. Cartaxo, Alcino e Saratando, Maria (trads.). Porto, Res.

Taylor, Charles. 1997. *As fontes do self*. Sobral, Adail e Azevedo, Dinah (trads.). São Paulo, Loyola.

CV

CAROLINA DUARTE DAMASCENO OBTVEU O TÍTULO DE MESTRE EM 2005, NO DEPARTAMENTO DE TEORIA E HISTÓRIA LITERÁRIA DA UNICAMP (BRASIL). ATUALMENTE, FAZ DOUTORADO NA MESMA INSTITUIÇÃO. PESQUISA PRINCIPALMENTE QUESTÕES METALINGÜÍSTICAS, COMO O PAPEL DA ESCRITA E DA LEITURA LITERÁRIA.
